

O HÓSPEDE DE JOB

por José Cardoso Pires

Tem sido protelada de ano para ano a publicação do romance «O Hóspede de Job», de José Cardoso Pires, concluído, ao que julgamos, ainda antes do aparecimento de «O Anjo Acorado», mas, pelo menos, anunciado na lista das obras do autor na segunda edição dessa novela (1958). O capítulo que apresentamos aos leitores é o primeiro trecho a ser dado a público antes do seu lançamento, em Maio deste ano, pela Editora Ulisseia



E Vila Nova?

Vila lá está como sempre: na sua muralha de armas. Tem cães e pedintes, devorando os restos do rancho à porta do quartel; lavadeiras que recebem lençóis e, naturalmente, conversas acerca da desdita do tropa como aquela que teve numa tenda o cabo Três-Dezasseis.

Parte dos soldados encontra-se na caserna ou na cantina, parte talvez na parada, e outra parte, de certeza outra parte, no polígono de tiro à espera de uma ordem.

A ordem será:

«Bateria tal... Fogo!»

«...Na mula branca», acrescentarão os recrutas em pensamento.

Mula Branca, conforme foi explicado por Três-Dezasseis, é um dito — nunca um alvo. Alvo, aquilo que a pólvora procura, é certa zona tracejada no mapa dos exercícios e que cobre os campos mais distantes do polígono. Não tarda que a metralha remexa todas essas distâncias, tantos graus à esquerda de um moinho, tantos metros à retaguarda de, por exemplo, um regato — coisas que nós não podemos ver daqui mas que não podem deixar de existir porque figuram no mapa.

E o mapa não falha. É, a bem dizer, a face da terra espalmada sobre o papel: uns riscos indicam bosques, outros, de cor azul, marcam os rios, rios mesmo secos. Há sinais para as casas e sinais para os cemitérios; sinais para as pontes, para as estradas que nos levam à família, sinais para as baterias em posição. O próprio vento, o próprio tempo, estão no mapa em setas de todos os sentidos e em números que os comandos tiram das tabelas. Assim, se faz mau tempo as ordens são umas; se faz sol as ordens são outras e o mapa risca-se de maneira diferente.

Mas suponhamos que faz mau tempo. Que chove, digamos.

Muito bem: chove. Se chove, é natural que os soldados, nos seus capotes de chumbo e água, se juntem uns aos outros atrás das peças (estamos a vê-los encharcados até aos ossos e vestidos de cinza molhada...) e que um condutor-auto salte para o volante da sua viatura e fique ali quieto, a dormir. É uma furgoneta com capota de lona e dentro dela está um sargento-calculador às voltas com as tábuas de tiro. Como se encontra ar-

rumada a poucos passos da linha das peças, é nela que os oficiais procurarão abrigo. Aparecem, chegam de corrida, batem as botas para sacudir a lama e tiram os capacetes.

«E esta?», resmungam.

São dois, o capitão que comanda a bateria e um tenente. Diz o capitão:

«Oxalá o vento não mude.»

O sargento, lá no fundo da carrinha, fecha as tábuas de tiro. Vê os oficiais, de pé, à boca da furgoneta, contemplando as grossas cordas de água que escorrem dos céus, e escuta-os.

Um murmura:

«Poderá o P. O. fazer uma observação decente com esta visibilidade?»

Responde o outro:

«É com eles. Com isso não temos nós nada.» E acrescenta: «Felizmente.»

«Alô, Lobo, alô Lobo...» A voz de um telefonista perdido na chuva parece um rasto de navio galgando a tempestade. «Alô, Alô, Lobo...»

«Veja você», suspira o comandante da bateria. «Se alguém podia adivinhar isto!»

«Deixe lá, que os americanos ainda devem estar pior. Apresentar material novo com um tempo destes é uma gaita.»

«Parece-lhe. Os tipos conhecem o material como as mãos deles. Não ouviu ontem o Guélar?»

«Não ouvi quem?»

«O da barbicha. Capitão Guélar, ou lá como se chama.»

«Ah», diz o tenente. «O Gallagher.»

«Como?»

«Gallagher. G-a-dois ll-a-gh-er. Que disse ele, meu capitão?»

«Que em toda a guerra não encontrou material que se comparasse a este.»

«Pudera... É o material deles.»

Agora sentem que o sargento se aproxima. Sabem, isso pelos balanços que o corpo dele, lerdo e desconforme, provoca ao deslocar-se na furgoneta. Mas não se mexem. Continuam, lado a lado, diante do aguaceiro.

«E também», continua o capitão (e desta vez fala como se confiasse um segredo à chuva) «não devemos esquecer de que a guerra é uma coisa e as manobras são outra. Em manobras os erros saltam à vista.»

E o tenente:

«E não temos o inimigo para nos corrigir...»

A frase fica-lhe gravada: em manobras faz-nos falta o

inimigo, etc. Acha-a certíssima, demasiado correcta e brilhante para ser uma simples opinião de momento e não uma regra ou um conselho de um respeitável tático como Vauban ou du Picq.

É que, além de mais, é preciso compreender que este oficial é um tenente novo e o camarada um capitão velho — pelo menos aquilo a que se chama «velho» num artilheiro de carreira, dentro da sua escala e na sua promoção. Apesar de tenente, talvez não esteja ainda embebido do cheiro do soldado, das minúcias infantis do soldado, e, por isso, só Deus sabe quanto resta nele do sonho e da ambição da Escola para poder lembrar-se, a propósito de uma frase, da venerável memória de Vauban e de du Picq, engenhosos cabos-de-guerra que ilustram os manuais.

«Em combate, o inimigo ajuda», repete, de si para si. «Pela maneira como responde aos ataques, o inimigo aponta-nos os erros. Não todos, é certo, mas alguns.»

«Alô, Lobo... daqui Tigre. Um, dois, três, a ouvir em boas condições. A ouvir em boas condições. Passo à escuta. Kapa.»

O capitão inclina-se levemente para observar as águas que rolam em levada nos trilhos abertos pelos pneus:

«Piso mole, repare. Ainda vamos ter que rectificar as pontarias.»

«É possível, meu capitão.»

«Tão certo como dois e dois serem quatro. A esta hora já os peças se afundaram um ou dois palmos.»

«Garantido», junta o sargento, muito pronto. «O meu capitão dá licença que fume?»

Cheira a caserna e a massa do rancho, e, mole e pesado, está atrás dos oficiais, quase a cobri-los com o bafo. Mas o comandante da bateria e o seu camarada tenente têm o pensamento longe dali e do sargento. Imaginam, para lá da cortina da chuva, um punhado de homens abraçados aos canhões, e o dilúvio a crescer, o rodado das peças a enterrar-se na lama. Um palmo, dois palmos, o que for.

«Você viu a limpeza com que entrámos em posição?», pergunta daí a nada o comandante da bateria. Pelo tom de voz percebe-se que fala para o tenente e só para ele. «Dezoito minutos e tal.»

«Dezassete, pelo cronómetro.»

«Ou isso. Dezassete minutos é bonito. Parece que o Gallagher até ficou vesgo. Gallagher, não é?»

«Exactamente, meu capitão.»

«Gallagher! Estupor de nome.»

«E o do ajudante ainda é pior. Oakland, Oakland Jackie ou Oakland Qualquer - Coisa. Mas deve ser alcunha. Oakland é nome de cidade.»

«Compreendo», diz o comandante da bateria, muito sério. «É como aqui o Mouraria ou o Santarém para os nossos homens. Já tive um impedido chamado Maré-Baixa.»

«E teve o Mija-Gatas, meu capitão.»

Era o sargento, metendo a sua palavra.

«Pois», continua o capitão, «pois. Maré-Baixa era um nome a matar. O tipo vivia dos

Cercados, depositados no segredo de uma esfera de água, os militares dentro da furgoneta são como três sementes de vida à espera do sol. De tempos a tempos chegam-lhes um farrapo de grito ou adivinham o vulto de alguém que passa a correr. Mas tudo isso, sombras e vozes, embora a meia dúzia de passos deles, tudo parece distante, dissolvido numa grande névoa.

«Um, dois, três, alô Cobra, alô Cobra...»

Só a ladainha do telefonista corre com precisão e com destino. Chama pela Cobra, pelo Lobo, pelo Cão e passa à escuta, kapa. É um espinho teimoso, um rasgão, a libertar-se daquele universo.

«Oxalá», torna o capitão, «as cargas estejam bem protegidas.»



sargaços e, como você sabe, essa pesca só se faz na vazante. Portanto, Maré-Baixa... Bem visto, não está?»

O companheiro, oficial novo, sorri delicadamente.

O tenente não lhe responde, medita. Depois consulta o relógio:

«O que eu não sei é como

(Continua na página 14)

UM INÉDITO

DE CARDOSO PIRES

(Continuação da página 13)

vamos dar o rancho aos homens com este tempo.»

«Nem eu. Mas agora preocupa-me mais o material. Os homens conhecemos nós, e pela cara do Gallagher não tenha dúvidas: os tipos podem ter muito dinheiro, podem ter feito a guerra e tudo o que se quiser. Mas melhores homens não têm.»

«É o têm», corta o sargento.

Capitão e tenente suspiram com enfado.

«Dezassete minutos é esgalar bem», diz o primeiro.

E o segundo:

«Sim. Dezassete minutos é bonito. Aqui ou em qualquer parte do mundo.»

O tenente põe-se a regular o binóculo que traz ao peito. Aponta-o para os céus em todas as direcções mas para onde se volta esbarra sempre com a muralha cinzenta da chuva. Um vidro fosco diante do vidro das lentes.

Entretanto vai falando—falando para o comandante ou pensando em voz alta, não se sabe:

«De qualquer forma, é um material assombroso. Simples, rápido, e no fim de contas, levíssimo para o alcance que tem. Material para ofensivas rápidas, é o que é.»

«Foi por isso que o applicaram na Alemanha.»

«E na Itália. O meu capitão não ouviu o Gallagher?»

«Sim, senhor, em Monte Cassino. De resto quase toda a barragem de flagelação foi feita com ele.»

«Mesmo na Normandia?» pergunta o tenente, através do binóculo.

«Não sei. Na Normandia não sei. Mas que serviu na Itália e na Alemanha não há dúvida. Na Itália, na Áustria e creio que no Pacífico. Ou será confusão minha?»

Neste ponto a voz do sargento vem, por detrás deles, muito só e pensativa:

«Consta que andou nos campos de concentração...»

O tenente deixa o binóculo e olha para o comandante da bateria; o comandante da bateria olha para o tenente. E voltam-se ambos ao mesmo tempo para dentro da furgoneta.

«Andou onde?»

«Nos campos de concentração. Parece que foi lá que deixou crescer as barbas.»

«Barbas?» pergunta o tenente.

«Sim. O nosso capitão americano.»

De braços levantados a apoiar-se no tecto da furgoneta, o sargento lembrava um militar estremunhado. Um militar em andamento, vencedor ou prisioneiro, que seguisse para a retaguarda a despedir-se da paisagem.

Os dois oficiais medem-no com os olhos e viram-se outra vez para a chuva.

«Nosso capitão americano», resmunga o comandante da bateria. «Nosso capitão uma gaita.»